

Primeiro estudo feito com adultos e crianças, em Serra Leoa, mostra que duas doses de imunizante produz uma forte resposta contra o micro-organismo extremamente letal. Até o momento, não existem medicamentos para tratar a doença, que surgiu há 45 anos

Vacina derrota o vírus ebola

» PALOMA OLIVETO

Quarenta e cinco anos depois do primeiro caso mundial detectado de ebola, o regime de duas doses de uma vacina mostrou-se seguro e produziu forte resposta imunológica em pessoas com mais de um ano, segundo dois artigos divulgados ontem na revista *The Lancet Infectious Diseases*. Sem medicamento aprovado para uma doença altamente letal — de 50% a 90% dos infectados morrem —, pouco se tem a fazer pelos pacientes, e há anos uma imunização eficaz é esperada pela comunidade médica.

O ebola surgiu na República Democrática do Congo (RDC), e a última grande epidemia, de 2014-2016, aconteceu na África Ocidental, com 28.652 casos e 11.325 óbitos. Vinte por cento dos casos ocorreram em pessoas com menos de 15 anos. Há três meses, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou um novo surto na RDC. O estudo do imunizante foi realizado em Serra Leoa, uma das regiões mais afetadas pelo vírus. Segundo a Johnson & Johnson, fabricante da vacina, esse é o primeiro estudo a avaliar a segurança e a tolerabilidade no esquema duplo, e também a ser testado em crianças e adultos.

Os resultados, apresentados por cientistas da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres (LSHTM) e da Faculdade de Medicina e Ciências Aliadas da Saúde de Serra Leoa (Comahs), referem-se a um ensaio clínico realizado de 2015 a 2018. Na primeira etapa, 43 adultos receberam o regime duplo, composto pela vacina Ad26.Zebov seguida, 56 dias depois, pela dose da MVA-BN-Filo. Ambas contêm partes do vírus atenuado.

No segundo estágio do ensaio, 400 adultos e 576 crianças e adolescentes foram vacinados com o regime duplo ou com uma dose única de vacina meningocócica quadrivalente conjugada, seguida por placebo. Pessoas acima de 18 anos que participaram da fase um também receberam, nessa etapa, um reforço da Ad26.Zebov

Carl de Souza/AFP - 15/8/14



Com roupas de proteção, médicos conversam com paciente na cidade de Kailahun, epicentro da epidemia que atingiu a África Ocidental em 2014



Apesar dos desafios globais adicionais em torno da covid-19, não devemos desacelerar os esforços para encontrar maneiras eficazes de prevenir epidemias de vírus ebola e, caso ocorram surtos, de contê-los rapidamente. As vacinas têm um papel fundamental no cumprimento de ambos os objetivos"

Deborah Watson-Jones, professora da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres (LSHTM)

dois anos depois. Segundo os pesquisadores, essa dose adicional "induziu forte resposta imune" em sete dias.

Sem reação grave

Os autores relataram que o regime duplo testado não provocou efeitos colaterais graves e induziu respostas de anticorpos neutralizantes, capazes de matar e impedir a replicação do ebolavírus, 21 dias depois da segunda dose em 98%. Esse efeito durou pelo menos dois anos. Muhammed Afolabi, professor da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres e autor de um dos dois artigos, disse que esse foi o primeiro estudo publicado para avaliar o regime duplo com crianças.

"Os resultados mostram que esse regime de vacina tem o potencial de salvar muitas vidas jovens. Esse estudo representa um progresso importante no desenvolvimento de um regime de vacina contra a doença do

vírus ebola para crianças e contribui para a preparação e resposta da saúde pública para futuros surtos."

Antes mesmo da publicação, os resultados do estudo contribuíram para a aprovação e autorização de comercialização do regime de vacina de duas doses para ebola em julho de 2020 pela Agência Europeia de Medicamentos, para uso tanto em crianças quanto em adultos. Também graças ao ensaio clínico, o esquema foi pré-qualificado pela OMS em abril, o que facilitará os registros formais desse regime de vacina em países com risco de surtos do vírus ebola.

Há alguns meses, o Grupo Consultivo Estratégico de Especialistas em Imunização da OMS fez uma recomendação em apoio ao uso do regime de vacina de duas doses de ebola da Johnson & Johnson, assim como uma vacina produzida pela Merck, a rVSV-ZEBOV-GP, durante epidemias, para pessoas em risco

de exposição ao vírus. Também preventivamente para equipes de saúde nacionais e internacionais que trabalham nos países africanos afetados pelo micro-organismo.

"A ameaça de futuros surtos do vírus ebola é real, e é importante lembrar que essa doença, definitivamente, não desapareceu", comenta a professora Deborah Watson-Jones, da LSHTM. "Apesar dos desafios globais adicionais em torno da covid-19, não devemos desacelerar os esforços para encontrar maneiras eficazes de prevenir epidemias de vírus ebola e, caso ocorram surtos, de contê-los rapidamente. As vacinas têm um papel fundamental no cumprimento de ambos os objetivos."

Em nota, Mohamed Samai, vice-chanceler da Universidade de Serra Leoa e reitor da Faculdade de Medicina e Ciências Aliadas da Saúde de Serra Leoa, disse que os resultados "têm o potencial de proteger a população de Serra

Leoa, países vizinhos e demais nações dessa terrível doença." Nos dois artigos, os autores ressaltaram que enfrentaram muitos desafios para fazer os testes, incluindo falta de eletricidade, de laboratórios e de instalações médicas.

Novos testes

Desde maio, mais de 250 mil pessoas que participam de ensaios clínicos receberam ao menos a primeira dose do imunizante da Johnson & Johnson, que doou milhares de vacinas por meio de um programa da OMS. Dessas, 200 mil já estão duplamente imunizadas. Agora, estão em curso pesquisas com bebês com menos de 1 ano, para avaliar a segurança e a resposta imunológica.

Também estão sendo testadas vacinas de outros laboratórios e universidades no país africano. Uma delas, a Ervebo (nome comercial da substância rVSV-ZEBOV) é utilizada em ensaios conduzidos pelo Instituto de Pesquisa Scripps, na Califórnia, e recebeu autorização de uso pela Agência Europeia de Medicamentos e pela Food and Drug Administration (FDA), nos EUA.

Quando injetada, a substância entra nas células e produz cópias da glicoproteína do vírus, provocando uma resposta imunológica para uma futura exposição ao ebola. Em 2019, testes realizados em países africanos demonstraram segurança e eficácia, mas não havia grupo placebo para efeitos de comparação. Por isso, ainda não foram realizados os ensaios de fase III.

Os pesquisadores aprimoram o "veículo" condutor do micro-organismo para as células, desenvolvendo nanopartículas mais eficientes. "Há muitas coisas no campo da vacina contra o vírus ebola que ainda precisam ser examinadas com cuidado, mas no nosso estudo, alcançamos um design de nanopartículas que parece muito adequado para a otimização e testes adicionais", conta Jiang Zhu, coautor de um trabalho publicado na revista *Nature Communications*.

DEMÊNCIA

Doenças dos olhos podem elevar risco

A degeneração macular relacionada à idade, a catarata e as doenças oculares relacionadas ao diabetes estão associadas a um risco aumentado de demência, diz uma pesquisa publicada na revista *British Journal of Ophthalmology*. Segundo os autores, a deficiência visual pode ser um dos primeiros sinais da degradação cognitiva, e acredita-se que a estimulação reduzida das vias sensoriais visuais acelere sua progressão.

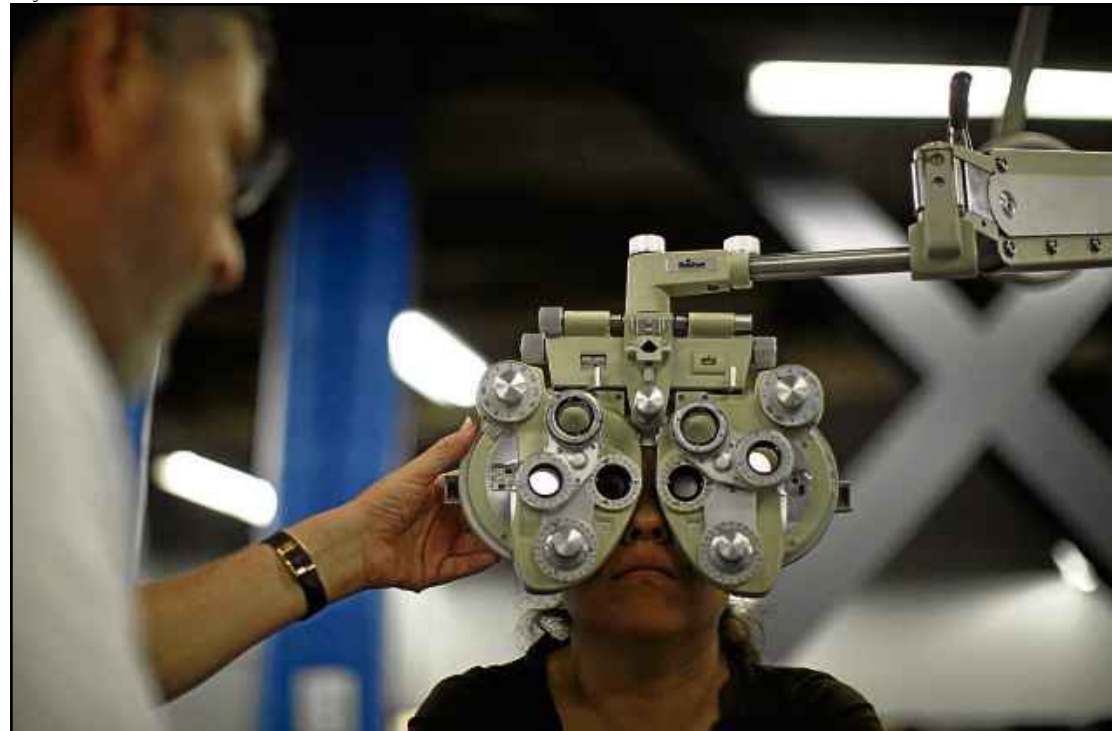
Alguns pequenos estudos sugeriram que pode haver essa relação. A incidência das doenças oftálmicas aumenta com a idade, assim como a de enfermidades crônicas e sistêmicas, como diabetes, hipertensão, depressão, males cardiológicos e acidente vascular cerebral, que são fatores de risco aceitos para demência. Portanto, não está claro se essas condições oculares

estão associadas a um risco maior de demência.

Para o estudo, os autores analisaram dados de 12.364 adultos com idades entre 55-73 anos. Os participantes foram avaliados entre 2006 e 2010 e monitorados até o início de 2021. A análise dos dados mostrou que degeneração macular relacionada à idade, catarata e doença ocular relacionada ao diabetes foram, independentemente, associados ao aumento do risco de declínio cognitivo.

Em comparação com pessoas que não tinham doenças oftálmicas no início do estudo, o risco de demência foi 26% maior naqueles com degeneração macular relacionada à idade, 11% maior nos com catarata e 61% mais elevados nos com diabetes. Embora o glaucoma não tenha sido associado a um risco aumentado de doença de

Lucy Nicholson/Reuters - 27/9/12



Paciente faz exame de vista: estudo associa deficiência à degradação cognitiva

Alzheimer, os autores encontraram uma relação com demência vascular.

Como se trata de um estudo

observacional, não se pode estabelecer uma relação de causa e efeito. Porém, os autores concluem, no artigo: "A degeneração

macular relacionada à idade, catarata e doenças oculares relacionadas ao diabetes, mas não o glaucoma, estão associadas a

12.364

adultos com idades entre 55 anos e 73 anos foram acompanhados pelos pesquisadores durante 15 anos

um risco aumentado de demência. Indivíduos com doenças oftálmicas e sistêmicas têm maior risco de demência em comparação com aqueles com doenças oftálmicas ou sistêmicas apenas. Hipertensão, diabetes, derrame, doenças cardíacas e depressão recentemente desenvolvidas mediaram a associação entre doenças oculares relacionadas à catarata/diabetes e demência".